

PRIMEIRO MILÊNIO DA LÍNGUA ITALIANA
(1960-1960) (*)

LUIGI CASTAGNOLA
(Universidade do Paraná)

Exmo. Sr. Cav. Raphael Pierri, muito digno Presidente desta casa. Antes de iniciar minha modesta conferência, quero, de público, felicitar Vossa Excelência e a egrégia Diretoria deste Centro Cultural Ítalo-Brasileiro "Dante Alighieri", pela magnífica obra que acabam de levar a térmo.

Sabemos, Senhor Presidente, que muitas foram as dificuldades encontradas, mas tôdas elas foram arrostadas e vencidas com nobre e inquebrantável tenacidade. Da satisfação e da alegria vossa tomam parte todos os presentes. Estou certo de que os brilhantes alunos desta casa, a começar pelos atuais, ficarão gratos a Vossa Excelência e à egrégia Diretoria deste Centro Cultural por terem erguido aos estudiosos das letras italianas, na capital paranaense, sede tão fidalga, situada neste prédio imponente, que se arremessa nos céus de Curitiba e traz em sua fachada, como programa gravado em letras de prata, o nome do maior poeta da Itália.

Vossa fadiga — alta, nobre, idealista — está hoje coroada do mais completo êxito e recebe, merecidamente, as felicitações e os aplausos desta culta assembléia.

(*) Conferência pronunciada no Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri de Curitiba, em 29 de julho de 1961, por ocasião da inauguração de sua sede, estando presentes: o Senhor representante do Cônsul Geral da Itália, o Senhor Cônsul da Alemanha, o Presidente do Centro Cultural, Senhor Cav. Raphael Pierri e a Diretoria do mesmo Centro Cultural, os Senhores Professores Rosário Farani Mansur Guérios e Miguel Wouk, da Universidade do Paraná, o Prof. Fernando Corrêa de Azevedo, Diretor da Escola de Belas Artes, o Prof. Serafim França, da Academia Paranaense de Letras, o Prof. Carlos Barontini, a Professora do Centro, Carolina Albanese, e muitas outras ilustres personalidades da cultura curitibana, sócios e amigos da Dante Alighieri, além dos alunos do Centro Cultural, que realizaram brilhante recital de poesias italianas antigas e modernas.

No ano findo, os Italianos, especialmente as Faculdades de Letras e as academias literárias da península mediterrânea, celebraram com ufanía o primeiro milénio da língua italiana. O Centro Cultural Ítalo-Brasileiro “Dante Alighieri” de Curitiba, que granjeia, cada vez mais, reais merecimentos pelo ensino da língua italiana no Estado do Paraná, quis destinar uma sessão especial à celebração do primeiro milenário da língua italiana, na série dos festejos da inauguração de sua magnífica sede cultural.

Agradeço ao Cav. Raphael Pierri, digno Presidente do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro “Dante Alighieri”, bem como à benemérita Diretoria dêste mesmo centro cultural, o convite que me fizeram para falar sôbre o primeiro milenário da língua italiana diante desta culta assembléia, aqui reunida pelo amor que a prende a Dante Alighieri, à Itália e à sua língua. Enquanto louvo, sinceramente, a iniciativa desta celebração, lamento tão sòmente tenham pensado em mim para fazer êste discurso, pois outrem o faria melhor do que eu e de modo mais proveitoso para esta culta assembléia.

O milénio que celebramos está compreendido entre estas duas datas: 960 e 1960. O ano de 960 é tomado como ano de origem da língua italiana porque àquele ano remonta a famosa “Carta de Cápua”. É ela um pergaminho, cujas dimensões correspondem, mais ou menos, às de uma carta de formato normal, e é guardada numa pequena caixa de carvalho no mosteiro de Monte Cassino. Neste pergaminho lê-se a sentença, redigida em latim, que pôs térmo à controvérsia, sôbre a propriedade de umas terras, nascida entre certo Rodelgrimo e a abadia de Monte Cassino, representada no processo pelo abade Aligerno. Na sentença o juiz Arechisio cita a fórmula testemunhal das quatro testemunhas juradas, em língua vulgar, como havia sido pronunciada, nela tendo-se baseado para definir a questão. A famosa fórmula é a seguinte:

*Sao ko kelle terre, per kelle fini que ki contene,
trenta anni le possette parte sancti Benedicti.*

Estas palavras, postas em linguagem, querem dizer o seguinte: Consta-me que aquelas terras, com os limites marcados aqui (no documento), as tem possuído por trinta anos a parte de são Bento.

O nome de “Carta de Cápua” é devido ao fato de que a sentença judicial fôra pronunciada em território então pertencente ao ducado de Cápua.

São estas poucas palavras em língua vulgar, nadando acima do latim da sentença, que atraíram a atenção dos historiadores e dos lingüístas, desde que Erasmo Gattola as descobriu, em 1734.

A importância histórica e lingüística da carta em aprêço está no fato de ser o primeiro documento oficial em que aparece claramente o contraste entre o latim e o vulgar, sendo as duas línguas conscientemente contrapostas. Embora exista algum outro documento, anterior à “Carta de Cápua”, bastante interessante com respeito às origens do vulgar na Itália, não se pode, entretanto, falar em verdadeiros textos vulgares antes de 960. A “Carta de Cápua” é, pois, como disse Folena, “o certificado de vida da língua italiana”.

É, porém, evidente que a língua italiana não nasceu em 960. Não surgiu ela num dia e nem num ano. Na realidade, nada mais é do que o resultado, o ponto de chegada de uma evolução secular, de uma transformação lenta mas contínua de uma língua anterior. Por isso, sob o aspecto lingüístico, não é coisa fácil falar em origens de uma língua — e, portanto, também em origens da língua italiana —, porque, na verdade, não há origens. A língua desconhece nascimentos e mortes, mas vive em perene transformação nas bôcas dos falantes. É, pois, uma ilusão do historiador da língua pretender descobrir e determinar o período de origem de uma língua. Para ficarmos plenamente convencidos desta verdade, com relação à língua italiana, é suficiente fazer uma observação muito simples. Desde os tempos dos Romanos até 960 — ano da “Carta de Cápua” —, os habitantes da península Itália continuaram sempre falando, salvo os que eram mudos. E se, em 960, falavam êles uma língua aparentemente diversa do latim antigo, quer dizer que as muitas gerações que se sucederam na península modificaram aos poucos sua língua. Em rigor, como justamente escreveu Salvatore Battaglia, a história de uma língua é constituída por uma série ininterrupta de episódios criadores, de perpétuas origens. É preciso abandonar uma vez por tôdas o preconceito, o equívoco que se pode

esconder sob a expressão “origem e formação da língua italiana”. Uma língua histórica, instrumento expressivo de uma civilização — como é precisamente o caso da língua italiana — “não pode ter um período de formação, distinto claramente de outro, quer anterior quer ulterior, pois ela está em contínua formação, visto que tôda linguagem se cria a si mesma em cada momento, ontem como hoje, na idade arcaica como no momento atual” (1). Se se admitir um período formativo na história da língua italiana, será forçoso afirmar que o povo da península Itália, em determinada época, carecia de meios para se expressar. O que é, evidentemente, absurdo, visto que não se pode imaginar um povo sem o uso da palavra.

A verdade é que o italiano de hoje é o próprio latim antigo, passado através de uma evolução lingüística bimilenária extremamente móvel e complicada. Não é, pois, um paradoxo afirmar que a língua latina nunca morreu. Sòmente houve transformação ao longo dos muitos séculos de sua livre história. De sorte que o italiano pode e deve ser considerado como sendo a própria língua vulgar, popular, antiga latina, no estágio de evolução atual, falada hoje na Itália. E deve-se dizer a mesma coisa a respeito do francês, do espanhol, do português e das demais línguas neolatinas, que são o latim falado antigamente na França, na Espanha, em Portugal e nas demais regiões da România, transformado, porém, de modos diferentes por uma evolução lingüística bimilenária muito complicada.

Deve-se colocar, como fêz Vidos, o fundamento das línguas romanças na romanização dos territórios conquistados pelos Romanos. Com efeito, a expansão do poderio de Roma, o firmar-se do Império Romano e a introdução do latim na área geográfica administrada por Roma, constituíram o fundamento das línguas romanças e possibilitaram sua existência (2). Na verdade, Roma não procurava impor sua língua pela força aos povos conquistados; se os exércitos romanos fizeram forte pressão sôbre as povoações vencidas com relação ao uso

1) Salvatore BATTAGLIA, *Introduzione alla Linguistica Romanza*, Pironti, Napoli, 1946, p. 67.

2) B. E. VIDOS, *Manuale di Linguistica Romanza*, Olschki, Firenze, 1959, p. 184.

do latim nas relações comerciais e administrativas, essa pressão não era, entretanto, imposta pela autoridade central, nem era regulamentada oficialmente. Embora não fôsse hostilizada a língua dos povos subjugados, êstes, no entanto, adotaram o latim, sendo isto vantajoso para êles, e, destarte, romanizavam-se.

Não poucos elementos lingüísticos do italiano, já se encontram na língua latina do longo período que vai de Augusto a Odoacro.

Bruno Migliorini, na sua douta História da Língua Italiana, fruto saboroso e resultado magnífico de vinte anos de trabalhos e pesquisas, afirma:

“Nel lungo periodo che va da Augusto a Odoacre il latino parlato subisce notevoli modificazioni. Benché non si abbia ancora minimamente coscienza di un sistema linguistico nuovo contrapposto a quello antico, molti fra gli elementi che costituiranno il sistema italiano sono già nati o nascono in questi secoli” (3).

Afirma ainda o ilustre lingüista e demonstra como, naquele mesmo período, houvesse marcada diferença entre a língua latina falada e a língua latina escrita.

“Quando leggiamo a Pompei, graffita sul rotolo di papiro raffigurato in una pittura, l'iscrizione seguente:

Quisquis ama valia, peria qui nosci ama(re)
bis (t) anti peria, quisquis amare vota
in luogo delle forme consuete della lingua scritta:

Quisquis amat valeat, pereat qui noscit amare
bis tanti pereat, quisquis amare vetat,
vediamo bene alcune peculiarità plebee di pronunzia (scomparsa della *t*, *i* semivocale per *e*, *votare* per *vetare*) trasparire attraverso gli errori dell'ignoto scribacchiatore” (4).

3) Bruno MIGLIORINI, *Storia della Lingua Italiana*, Sansoni, Firenze, 1960, p. 1.

4) Bruno MIGLIORINI, *Storia della Lingua Italiana*, cit., p. 4.

Entre os principais fenômenos gramaticais do latim falado que se processaram no período acima indicado, Migliorini salienta a evolução dos diagramas Ce, Ci, Ge, Gi, que na época republicana tinham sons guturais, Ke, Ki, Ghe, Ghi, e, mais tarde, passarão a ter a pronúncia ainda hoje em vigor (5).

O período, porém, em que se deu a elaboração profunda da língua latina falada e a passagem para o vulgar românico, vai de 476 a 960, isto é, desde a ruína do Império Romano até o ano da “Carta de Cápua”.

A partir de 476, ano em que findou o Império Romano, teve início e rapidamente continuou o processo dissolutivo do latim; ao findar do século XII, a dissolução do latim foi completa, dando origem aos diversos dialetos românicos. Na Itália apareceram numerosos dialetos e tiveram, durante séculos, intensa vitalidade. Mas, no século XII, começou um processo em sentido contrário, de reconstrução, que, partindo dos dialetos românicos, levou paulatinamente alguns deles à dignidade de línguas literárias neolatinas, sob a pressão de fatores diferentes. Na França, por exemplo, graças a fatores políticos e culturais, o dialeto da Ile-de-France tornou-se língua literária; na Espanha, a supremacia política e cultural da Velha Castela elevou seu dialeto à dignidade de língua nacional espanhola; em Portugal, segundo uma hipótese sustentada por Leite de Vasconcelos, os dialetos das diversas províncias portuguesas tiveram parte na formação do português. Na Itália, o dialeto toscano tornou-se, no século XIV, língua literária graças a fatores puramente literários. De fato, não a supremacia política de uma região, nem o concurso dos dialetos peninsulares deram origem à língua literária italiana, e sim o grande prestígio alcançado pelo triunvirato toscano de Trezentos: Dante, Petrarca e Boccaccio.

A unidade política da Itália, dividida em muitos pequenos estados independentes na época de Dante, no século XIV era um puro sonho do futuro. Somente faz cem anos, em 1861, foi proclamado, em Turim, o Reino da Itália, embora sua completa unidade fôsse alcançada mais tarde, em 1870. Por conseguinte, quando se fala em língua e literatura italiana, com referência aos anos anteriores ao de 1870, deve-se entender a

5) Bruno MIGLIORINI, ob. cit., p. 17.

língua florentina usada pelos escritores dos diversos países da península Itália, que nas obras dos três grandes trecentistas viram os modelos lingüísticos que deviam imitar, deixando de lado os toscos e bárbaros dialetos falados nas diversas regiões italianas.

Já dissemos que a “Carta de Cápua” é do ano 960. No século X, há, de fato, documentos históricos certos sôbre a existência, na península Itália, de uma língua vulgar — ou de mais línguas vulgares — diversas do latim. Dentre os citados por Migliorini na sua História da Língua Italiana, mencionaremos dois. A inscrição tumular, gravada no sarcófago de Gregório V, falecido em 999, e que se pode ler ainda hoje nas Grutas Vaticanas:

Usus francisca, *vulgari* et voce latina
instituit populos eloquio triplici.

O falecido pontífice costumava instruir os povos, falando três línguas: francesa, vulgar e latina.

Um livro penitencial de Monte Cassino, do século X, diz:

Fiat confessio peccatorum *rusticis verbis*.

A confissão dos pecados seja feita em vulgar (6).

A palavra “vulgar” aqui não indica, prôpriamente, a língua italiana, mas um dos dialetos italianos, em contraposição ao latim falado pelos homens cultos. Havia diversos vulgares, mas não uma língua comum, embora as numerosas variedades dialetais manifestassem evidentemente parentesco lingüístico. A própria expressão “língua italiana” é, relativamente, recente. Dizia-se: falar francês, lombardo, toscano, siciliano, etc., mas não italiano. Era preciso que um dêstes dialetos alcançasse perfeição formal e granjeasse a simpatia dos escritores e dos habitantes dos diversos países da península Itália a fim de que pudesse servir para finalidades literárias. O toscano, ou melhor, o florentino conseguiu essa perfeição formal e essa simpatia, graças a Dante Alighieri (1265-1321).

Em qualquer sentido se queira tomar, a expressão comum que chama Dante de “pai da língua italiana”, bem como a outra, igualmente honrosa, de Petrarca, que o chama de *dux*

6) Bruno MIGLIORINI, ob. cit., p. 61 e 90.

nostri eloquii vulgaris, Dante Alighieri as merece verdadeiramente. Com efeito, tomou em suas mãos o dialeto florentino, ainda desataviado e grosseiro, e restituiu-o aos povos italianos como língua tão aperfeiçoada que podia servir para todos os usos literários e civis. A obra de Dante foi simplesmente gigantesca. Graças a êste gênio florentino, processou-se uma revolução profunda na opinião pública peninsular, agora definitivamente convencida da capacidade estética e expressiva do vulgar florentino. Escrevendo a *Divina Commedia* para eternizar a misteriosa, plurisimbólica e fascinante figura de Beatriz, deu também à Itália a sua língua.

O destêrro a que Florença condenou seu maior poeta, em 1302, fêz com que Dante conhecesse quase tôda a Itália, então mísera e dividida politicamente, e seu gênio lhe adivinhasse, com lampejante clareza, o futuroso destino. Através da diversidade dos dialetos italianos, Dante lobrigou entre êles uma unidade fundamental, que lhe permitiu vislumbrar ao longe a Itália unida culturalmente por uma só língua comum.

“L’Italia non era, in quanto essa non aveva coscienza della sua sostanziale unità culturale, che le avrebbe permesso di accogliere una comune lingua letteraria e civile, più adatta che il latino ad accomunare tutti gli Italiani. Dante sentì e le rivelò questa coscienza: così l’Italia fu” (7).

Ninguém fêz tanto quanto Dante, com sua obra de poeta e de literato, pela unificação política e civil da Itália; por isso, é também legítimo o outro honroso título que, séculos depois, haveriam de lhe dar os Italianos, chamando-o de “pai da pátria”.

A partir de Dante a situação lingüística da Itália ficou assim configurada: o latim continuou a gozar de muito prestígio ainda por alguns séculos, encaminhando-se, porém, cada vez mais, para seu fim; os dialetos continuaram sendo falados pelos diversos povos peninsulares, que, no entanto, passaram, cada vez mais, a falar a língua literária florentina dos três grandes trecentistas; os literatos dos diversos países da península escreviam suas obras, cada vez mais, na língua lite-

7) Bruno MIGLIORINI, ob. cit., p. 180.

rária florentina, mais ou menos pura, que, afinal, foi chamada italiana por ser usada literariamente em todos os países da Itália. De sorte que, com relação à língua, aconteceu à Itália o que aconteceu ao Brasil: assim como a língua italiana, historicamente, existia antes da Itália assim também a língua portuguesa, historicamente, existia antes do Brasil.

O latim, como dissemos, continuaria ainda gozando de muito prestígio durante séculos e as universidades foram suas fortalezas. A primeira cátedra de língua italiana, ou de “toscana favella”, como lá então diziam, foi criada, em 1589, na Universidade de Sena. Nas universidades lecionava-se em latim; por isso, em 1754 causou muito barulho o fato de o abade Antônio Genovesi lecionar em italiano Economia Civil na Universidade de Nápoles por explícita vontade do fundador daquela cadeira. No Reino Sardo — e foi o primeiro país da península a tomar essa providência — somente em 1852 o ensino universitário passou a ser ministrado em língua italiana; isto se deu cinco séculos depois da composição da *Divina Commedia*, vinte e cinco anos depois da publicação de *I Promessi Sposi* (1827) de Alexandre Manzoni e quando Giosuè Carducci (1835-1907) já tinha dezessete anos!

As academias literárias, em geral, eram centros de divulgação da língua italiana, sendo, por natureza, mais inclinadas ao sôpro de ventos renovadores.

A tentativa dos Humanistas que, em Quatrocentos, pretendiam levar os Italianos ao uso generalizado do latim, gozou, por ser êste retôrno ao latim de todo artificial. Se conseguiram, por algum tempo, deter a marcha da língua vulgar, os Humanistas tiveram, no entanto, parte do mérito em conservar o italiano moderno semelhante ao dos trecentistas. De fato, quando, em Quinhentos, não foi mais possível deter a marcha do vulgar italiano, os literatos humanistas sustentaram que os modelos que se deviam imitar eram os autores de Trezentos: Dante, Petrarca e Boccaccio especialmente. Como os clássicos latinos eram os modelos dos que escreviam em latim, assim os trecentistas deviam ser os modelos dos que escreviam em vulgar. Semelhante orientação seguiram os Acadêmicos da Crusca, mais tarde, bem como os Puristas ao alvorecer do século XIX. Essa imitação dos trecentistas, por vêzes

àsperamente atacada, fêz com que se formasse aos poucos uma literatura escrita em língua literária italiana muito parecida com a de Trezentos. O francês que lê hoje em dia a *Chanson de Roland*, e o espanhol que abre em nossos dias *El Cantar de mio Cid*, encontram-se diante de uma língua bem diferente da atual e que não pode ser entendida sem estudos prévios. Pelo contrário, até o italiano inculto de hoje, lendo a *Divina Commedia*, apesar de não compreender, aqui e acolá, umas expressões, sente imediatamente que a língua de Dante é a sua própria língua. É certamente pueril e cientificamente errado sustentar que a língua italiana, desde Dante até hoje, não sofreu modificações; ela mudou e mudou sensivelmente, mas a mudança não foi tão profunda como no francês e no espanhol.

No século XVI, quando a vitória do italiano sôbre o latim foi clara nas consciências dos espíritos mais esclarecidos, estourou na Itália uma polêmica barulhenta e acirrada, conhecida sob o nome de “questão da língua”, nela tomando parte quase todos os literatos de Quinhentos. No tempo de Dante a luta era entre os fautores do latim e os do vulgar; agora a polêmica é diversa: qual dos muitos vulgares italianos deve ser usado como língua literária comum? e que nome se deve dar a esta língua: vulgar, “cortigiana”, toscana, florentina ou italiana? Não faltaram, porém, os defensores do latim, de conformidade com a sempre viva tradição humanista. Três foram as correntes dominantes, de que falaremos, mas não em ordem cronológica.

Pietro Bembo (1470-1547) chefiou a primeira. Bembo sustenta, em resumo, estas idéias. Cada língua tem um período áureo; para o latim a época áurea foi a de Cícero e de Virgílio; para o vulgar a idade áurea foi a de Dante, Petrarca e Boccaccio. Quem escreve deve imitar os bons autores, pois são os escritores excelentes que formam a língua literária, diversa da língua popular, inculta e desataviada. Virgílio escreveu sôbre assuntos do campo e da vida pastoril, mas o fêz com tamanha perícia literária nas *Geórgicas* que não sômente nenhum camponês, mas nem mesmo o homem da cidade o podia entender sem ser literariamente culto. Ninguém precisava mais do que Cícero de ser compreendido pelo povo, quando pronunciava suas orações, mas seu falar estava tão acima do povo que “sempre sòzinho, sempre único, sempre sem companhia êle estava”.

Igualmente, Petrarca se tivesse usado a linguagem dos homens do povo em suas líricas, elas não seriam tão gentis e formosas como elas são. Portanto, não é o florentino popular que deve ser usado nas obras literárias, visto que não passa de uma forma dialetal e plebéia. Os florentinos estão até em condição de inferioridade com relação aos italianos das outras regiões porque êstes se esforçam por imitar os grandes trecentistas, ao passo que os florentinos não se preocupam com a língua e, quase por instinto, usam formas plebéias e palavras triviais mesmo quando querem escrever literariamente.

Qualquer que seja a apreciação que se quer fazer da doutrina de Bembo, a experiência demonstrou que os maiores literatos da Itália, depois de Trezentos, não foram mais toscanos nem florentinos. Bembo não usa a expressão “língua italiana”, mas diz “língua toscana, florentina, vulgar”.

A segunda corrente — que tomou diversos rumos divergentes — sustentava que a língua literária comum dos povos italianos devia ser a língua usada pelas côrtes, donde o nome de língua “cortigiana”. Devia-se formar essa língua levando em conta não somente os bons escritores toscanos de Trezentos, mas também os demais, e a pronúncia devia basear-se no uso das côrtes italianas, especialmente na de Roma. Vincenzo Colli (1460-1508) foi o iniciador desta corrente, cujos fautôres foram numerosos, dentre êles destacando-se Trissino (1478-1550), que usou a expressão “língua italiana”, sendo essa língua destinada a tôda a Itália.

A terceira corrente é chamada “florentinista”, porque queria que o nome da língua fôsse “florentina”. Machiavelli (1469-1527), Gelli e Varchi foram seus mais destacados representantes. É injusto chamar italiana, dizia Machiavelli, a língua que é de Florença; nem toscana deve ela chamar-se, pois na Toscana há lugares onde não se fala florentino. Se há certa uniformidade entre os escritores das diversas regiões da Itália, é isto devido ao fato de que êsses autores imitaram os três trecentistas.

Estas polêmicas poderão parecer, hoje, retóricas e literárias. E o eram mesmo. Mas, faltando unidade política à Itália, que impusesse certa disciplina, a questão da língua não podia ser posta e resolvida de maneira outra que literária.

“La questione — escreve Migliorini em *Questioni e Correnti di Storia Letteraria* — è insieme pratica e estetica; e se la storia avesse voluto altrimenti, avrebbe potuto esser risolta con il comune assogetarsi a una disciplina civile: invece si pose come problema letterario. . . Poichè furono i letterati a dibatter la questione, la diversità di gusto degli individui e delle scuole diede luogo a numerose soluzioni diverse. I contendenti, non molto informati dei dati storici e spesso animati da pregiudizi campanilistici, svolsero argomenti talora seri e validi, talora sofisticati, e la discussione, anzichè ravvicinare le parti contrastanti, valse piuttosto a stimolarne l'intransigenza.

Nell'uso pratico della lingua, in cui il compromesso arriva man mano, più o meno faticosamente, a farsi strada, le divergenze erano molto minori che non si possa credere dalle teorie” (8).

De qualquer forma, a língua italiana tornava-se cada dia mais conhecida em tôda a península. Se é verdade que Galileu Galilei ainda em latim publicou o *Sidereus Nuncius* (1610), escreveu em italiano, porém, as suas demais grandes obras: *Saggiatore* (1623), *Dialogo dei massimi sistemi del mondo* (1632), *Dialoghi delle nuove scienze* (1638), prestando assim sua homenagem à longa tradição do bilinguismo, latim-italiano, em uso entre os doutos e literatos a partir do próprio Dante.

Em 1612 era publicado o *Vocabolario degli Accademici della Crusca*, fundada em 1582, cuja compilação se inspirava na autoridade dos trecentistas. Essa orientação, estritamente arcaizante, fez com que o dicionário fôsse àesperamente criticado; apesar de seus defeitos, nenhuma outra língua moderna possuía, ao findar de Seiscentos, um dicionário que pudesse dignamente competir com o da Crusca.

As opiniões em favor e contra a orientação rigidamente trecentista e arcaica da Crusca geraram outra polêmica as-

8) Bruno MIGLIORINI, em *Questioni e Correnti di Storia Letteraria*, Marzorati, Milano, 1949, p.p. 14-15.

pérrima, que se arrastou ao longo de muitos anos. Com efeito, não se podia limitar aos autores de Trezentos a língua italiana, como pretendia a Crusca, cujos adversários mais radicais foram os iluministas milaneses do periódico “Il Caffè” (1764). A hostilidade e descontentamento com os métodos da Crusca chegaram a ponto de obrigar o duque Pedro Leopoldo de Toscana a suprimir a Academia da Crusca, em 1783.

Entrementes, grandes mudanças políticas e sociais realizaram-se na Itália, no decorrer do século XVIII, que, antes de findar, viu os exércitos da Revolução Francesa e de Napoleão I assolarem a Itália. As relações entre a Itália e a França foram mais estreitas, e a língua francesa teve uma difusão enorme na Itália, tanto assim que Giacomino Devoto pôde falar na existência de um novo bilingüismo: italiano-francês. Homens de letras e cientistas italianos escreveram obras em italiano e em francês, como Goldoni (1707-1793) e Lagrangia. Metastásio (1698-1782), porém, na tranqüillidade de Viena, na Áustria, escrevia os numerosos e famosos melodramas num italiano simples, fluente, compreendido por todo o mundo, que, sem dúvida, teve sua influência na uniformização da língua italiana.

No começo do século XIX houve o levante da escola purista, cujos expoentes mais intransigentes foram Antônio Cèsari (1760-1828) e Basílio Puòti (1782-1847). Apesar da mentalidade um tanto estreita dos puristas, que pretendiam de novo fazer voltar a língua italiana à pureza primitiva — ao florentinismo trecentista —, tiveram êles o mérito incontestável de limpar o italiano de muitos barbarismos. Contra a visão lingüística demasiadamente arcaica da Academia da Crusca, que Napoleão I de novo restabelecera em 1811, levantava-se Vincenzo Monti (1754-1828). Defensor também êle da pureza da língua, travava sua batalha com espírito esclarecido e sereno equilíbrio, sustentando que não se podia reduzir unicamente ao florentino antigo ou moderno a língua italiana. Monti era fautor do classicismo, que, também no campo da língua, polemizou com o romantismo. A polémica clássico-romântica realizou-se na primeira metade do século findo, época em que se travaram outrossim não poucas guerras pela unidade e independência da Itália. Enquanto se ia unificando politicamente a Itália, evoluía, necessária e simultâneamente,

a questão da unidade da língua, visto que o nôvo reino precisava de uma língua comum. Saíram então a campo os clássicos e os românticos. Os primeiros, embora de modos diferentes e por vêzes contrastantes, queriam e pregavam a imitação dos bons escritores de Trezentos e de Quinhentos; os segundos, ao contrário, rebelavam-se contra o princípio da imitação e queriam uma língua e uma literatura vivas, populares, que expressassem as novas idéias e satisfizessem os novos anseios da jovem Itália. Os clássicos querem uma língua cheia de decôro literário; o românticos simpatizam por uma língua espontânea, natural e desejam aproximar a língua literária à língua falada. Visto, porém, que uma língua comum falada por tôda parte não existia, era preciso escolher uma. Pois bem, sòmente a língua toscana ou florentina, graças à sua tradição literária secular, estava em condição de servir para todos.

“Mentre i più procedevano a tentoni — escreve Migliorini — e volta per volta si attenevano con maggiore o minore coerenza all’una o all’altra soluzione, il Manzoni con crescente chiarezza in sede teorica e con sempre maggior risolutezza in sede pratica si decise per il fiorentino, puntando su di esso con i ragionamenti e con l’esempio”.

....“D’importanza capitale nell’annosa questione della lingua fu l’intervento di Alessandro Manzoni.

....La grande innovazione manzoniana consiste nel trasformare quella che fino allora era stata una disputa di letterati in un problema civile, che coinvolge tutta la nazione italiana” (9).

Com base nestes princípios, Manzoni (1785-1873), escreveu *I Promessi Sposi*, a obra-prima da prosa italiana, que haveria de exercer uma influência profunda e duradoura sôbre a língua italiana. D’Ancona prestava uma homenagem merecida ao ilustre lombardo, escrevendo: “O que há de precisão, de naturalidade, de popularidade, de densidade de pensamento na prosa moderna, em comparação com a prosa acadêmica

9) Bruno MIGLIORINI, *Storia della Lingua Italiana*, cit., p. 599, e p. 609.

e cãndenciada, outrora muito em voga, deve-se em grandíssima parte a Manzoni”.

Depois da unificação da Itália, realizada em 1870, os diversos governos italianos esforçaram-se para uniformizar a língua e depurá-la dos muitos dialetismos que a deturpavam. Nestes últimos tempos, a introdução dos jornais, do rádio, da televisão e do cinema concorreu notavelmente para a difusão de uma língua nacional correta e uniforme.

Os grandes poetas e literatos que, depois de Dante Alighieri, contribuíram para manter alto o prestígio da língua literária italiana, foram: Petrarca e Boccaccio em Trezentos; Sannazaro, Boiardo, Poliziano em Quatrocentos; Machiavelli, Ariosto, Bandello e Tasso em Quinhentos; Metastasio, Goldoni, Parini e Alfieri em Setecentos; Monti, Foscolo, Leopardi, Manzoni e Carducci em Oitocentos.

Esta, em largos traços, a história milenária da língua italiana, que Dante chamou de vulgar e amou apaixonadamente, saudando-a, no *Convivio*, de: “Luce nuova, sole nuovo, lo quale surgerà là dove l’usato tramonerà, e darà luce a coloro che sono in tenebre e in oscuridade per lo usato sole che a loro non luce” (10). Isto é, a língua vulgar, italiana, é uma luz nova, um sol nôvo, que iluminará os que ficariam nas trevas da ignorância pelo fato de não entenderem o latim.

Desde séculos, nesta língua, que é uma das mais formosas do mundo, os Italianos expressaram seus pensamentos e suas conquistas, suas esperanças e suas desilusões. Nesta língua leram os cantos de seus poetas e ouviram as harmonias fascinantes de seus cantores. Nesta língua, desde séculos, o povo italiano transmitiu outrossim ao mundo o pensamento de seus filósofos e de seus sábios, os preceitos de seus artistas, as leis de seus legisladores, bem como a alta espiritualidade de seus santos; numa palavra: a sua civilização.

Se esta língua é cara aos Italianos, é cara também a vós, brilhantes alunos dêste Centro Cultural Italo-Brasileiro “Dante Alighieri”, que a estudais com amor e proveito. Posso garantir-vos que estudais uma grande língua, a língua de um povo

10) Dante ALIGHIERI, *Convivio*, I, cap. XIII, 12.

que tem, por certo, seus erros e seus defeitos, mas tem dado, entretanto, uma contribuição de primeira ordem ao progresso e à cultura da humanidade.

É uma língua neolatina, como o português. Conhecendo-a, tendes ao vosso alcance o mundo cultural de um povo que outrora já foi guia da humanidade e nunca foi o último entre os povos da terra, e podereis acompanhar, de um modo mais eficiente, o ritmo possante e criador da grande civilização brasileira, filão de ouro da civilização humana que se perpetua nos séculos e parece inesgotável.